

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS  
Departamento de Antropologia

DETAMAR ANTONIO DA ROCHA

Estudo antropológico sobre a presença das drogas como riscos entre adolescentes:  
Experiências de famílias e seus dilemas cotidianos.

Porto Alegre

2016

DETAMAR ANTONIO DA ROCHA

Estudo antropológico sobre a presença das drogas como riscos entre adolescentes:  
Experiências de famílias e seus dilemas cotidianos.

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Ciências Sociais.

Área de habilitação: Antropologia

Orientadora: Prof. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha, Detamar Antonio da

Estudo antropológico sobre a presença das drogas como riscos entre adolescentes: Experiências de famílias e seus dilemas cotidianos. / Detamar Antonio da Rocha. -- 2016.

44 f.

Orientadora: Cornelia Eckert.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Drogatização de Adolescentes. 2. Fenômeno Social. 3. Afetividade. I. Eckert, Cornelia, orient. II. Título.

DETAMAR ANTONIO DA ROCHA

Estudo antropológico sobre a presença das drogas como riscos entre adolescentes:  
Experiências de famílias e seus dilemas cotidianos.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 27 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Cornelia ECKERT (Orientadora)

UFRGS

---

Prof. Dr. Eduardo DULLO

UFRGS

---

Prof. Dr. Jardel Fischer LOECK

UFRGS

## **SUMÁRIO**

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>6</b>
<b>Resumo e palavras chave.....</b>	<b>7</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 – Aspectos metodológicos.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2 – Adolescentes e o consumo de droga como fator de risco na vida urbana.....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 3 – Os interlocutores e suas vozes.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 4 – Revisão bibliográfica sobre o tema.....</b>	<b>30</b>
<b>Capítulo 5 - A voz interpretativa do pesquisador.....</b>	<b>33</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>40</b>
<b>Referências.....</b>	<b>43</b>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por esta grande oportunidade de minha capacitação nesta instituição. A Minha esposa por sua compreensão de muitas horas de ajuda e incentivo ao meu lado. A esta instituição, meus professores e principalmente minha orientadora professora Cornelia Eckert pela sua dedicação e paciência na minha orientação. Meus colegas, meus pais, filho, nora e neta, meus irmãos e minha orientadora por serem meus incentivadores. Minha colega Karina pela auxílio na matemática. A todos os que colaboraram na pesquisa e êxito deste trabalho, como os interlocutores, sem eles este trabalho não seria viável.

Faço um breve relato de minha iniciação a minha trajetória acadêmica. Posso dizer que a idéia começou quando tinha dez anos de idade, meu pai foi à escola porque eu estava com dificuldade de freqüência na quarta série do antigo primário, no caminho de casa achei que ia tomar uma maior bronca, as palavras de meu pai foram estas: Tu sabes que eu não posso te dar muita coisa, mas o que posso te dar é o estudo, então te esforça para conseguir alguma coisa. No outro dia fui para a escola pensando nas palavras de meu pai. Tinha um caderno muito simples que ele mesmo fez no trabalho, um lápis e uma borracha. A escola era pública estadual e seu gasto comigo com estudo eram os mínimos. Parecia que era muito pouco o que ele me oferecia, mas nunca me esqueci das suas palavras, que foram plantadas. Hoje posso dizer ao meu pai que valeu e muito o estudo que ele me deu, e o que me ofereceu foram bastante para brotar e me colocar na graduação de ciências sociais desta grande instituição.

Um passagem bíblica me veio fortalecer esta escolha, Provérbios 4:1 OUVI, filhos, a instrução do pai, e estai atentos para conhecerdes a prudência.

## RESUMO

Parto de um estudo antropológico e pesquisa qualitativa. Trato do tema dos riscos e danos do consumo de drogas para os adolescentes. Objetivo é conhecer as dinâmicas do mundo familiar relacionadas a questões da vida social, econômica e cultural. Pergunto sobre fatores que contribuem a manutenção de socialização do adolescente, com menos riscos a droga.

O estudo feito é através de método etnográfico de pesquisa. Os participantes constituíram dois grupos distintos: pais e ou responsáveis de adolescentes, usuários ou não de substâncias psicoativas. Participaram da pesquisa moradores da Vila Morada da Colina do Prado, bairro Jardim Carvalho, situado na zona leste de Porto Alegre RS.

O estudo da dinâmica do ciclo social e das condições de vida familiar, e suas relações sociais com seus membros fornecem dados, e estes são relacionadas os de maior significação, que contribuem com maior ou menor vulnerabilidade, em relação à sociabilidade na tentativa de construção de novas identidades nas grandes cidades.

As experiências do contexto de vida familiar de cada entrevistado, das famílias que migraram do interior para a capital, num período entre as últimas décadas, com ou sem uso de psicoativos, contribuem com o objetivo proposto pela pesquisa, o de identificar os parâmetros familiares que contribuíram em desvios de condutas, e aproximaram adolescentes a grupos de risco.

Palavras chaves: Drogatização de Adolescentes, migração rural, Fenômeno Social, Afetividade.

## **Introdução**

Segundo Bucher, (1992), o consumo de drogas tem sido uma prática humana milenar e universal na história da civilização humana. Não existem povos ou nações em algum momento que não tenha feito uso de psicóticos.

No mundo contemporâneo ocidental, o consumo de drogas e sua evolução têm deixado um saldo significativo de problemas sociais e de saúde para pessoas de vários países. Não menos arrasador, é o sistema de venda e compra de drogas, o narcotráfico seja em contexto local ou global, que envolve muita violência e mortes. Isto não tem sido somente problema social de países emergentes, mas também entre países como EUA, França e Inglaterra.

O combate e prevenção ao uso de psicóticos tornaram-se preocupação mundial, principalmente devido ao risco que oferece à saúde dos usuários, e conseqüentemente torna-se um problema social e econômico mundial e a redução dos danos depende de políticas públicas eficazes.

Utilizei o conceito de fenômeno social, abordando diretamente a dependência química como uma convulsão social. O descontrole familiar, e a pouca atenção do Estado a respeito tornam em muitos espaços sociais uma epidemia. As perdas são muitas. Adolescentes que fazem uso de drogas evitam o convívio social familiar.

Marcel Mauss (1925), quando propõe a importância do estudo antropológico voltado para a compreensão de fenômenos sociais, refere-se à totalidade do envolvimento real, mais precisamente propõe o conceito de fato social total. Assim analisar o tema dos efeitos e impactos do consumo de drogas por parte de jovens no mundo das sociedades complexas (Velho, 1990), implica em compreender este problema social relacionado às condições de vida nas famílias, nas instituições sociais, às estruturas de Estado, sobretudo questões do campo econômico e político como, políticas públicas, e claro redes e formas de sociabilidade na vida cotidiana. Portanto, abordar este tema significa que os riscos do consumo de drogas, não são redutíveis, em apenas uma única dimensão, mas as suas implicações e experiências dos atores, são distribuída em todos os níveis de realidade da vida social.

A Organização Mundial de Saúde reconhece a dependência química como doença, (CID 10 - F19). Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas, e ao uso de outras substâncias psicoativas - uso nocivo para a saúde, porque há alteração da estrutura e no funcionamento normal da pessoa, sendo-lhe



prejudicial. Não tem causa única, mas é produto de uma série de fatores (físicos, emocionais, psíquicos e sociais) que atuam ao mesmo tempo, sendo que; às vezes, uns são mais predominantes em uma pessoa específica do que em outras. Atinge o ser humano nas suas dimensões básicas (biológica, psíquica, cultural e social), e atualmente, é reconhecida como uma séria de questões sociais, à medida que atinge o mundo inteiro, e todas as classes sociais. Vamos trazer depoimentos de pais que enfrentam esta realidade.

Existe a proibição legal de algumas substâncias ilícitas, e outras de uso recreativo como lícitas, mas somente isto não se relaciona necessariamente como potencial de dano e efeito colateral que pode ter potencial de causar dependência química das mesmas. Mas existem as drogas mais traficadas, consumidas e que pode causar maior ou menor relevância de efeitos colaterais diferenciando-se de pessoa, para pessoa, de comunidade para comunidades, e em alguns países são mais ou menos combatidas.

O país da Colômbia, com maior produção mundial e tráfico de cocaína nos anos 70 e 80, hoje recebem incentivos dos EUA, para o controle e extinção da produção e o tráfico. Para se ter uma idéia da pressão que o narcotráfico exerce sobre as economias de países emergentes, um exemplo basta. Em 28 de setembro de 1989, foi feita em Los Angeles a maior apreensão de cocaína já realizada: 21,4 toneladas, cujo preço de venda ao público atingiria US\$ 6 bilhões, uma cifra superior ao PNB de 100 (cem) Estados soberanos.

Os legisladores estão atentos para esses fenômenos, diante dos efeitos sociais nefastos do Narcotráfico, mas essa é outra área cerceada por múltiplos interesses, e onde também não se possui um saber esclarecedor das posições tomadas mundialmente para assegurar o controle.

A drogatição entre adolescentes na contemporaneidade tem deixado de um modo geral as populações perplexas, pelo uso crescente de psicoativos, colocando-se em risco social, com reflexos na sociedade decorrentes deste fenômeno social. Não somente as drogas ilícitas, mas as lícitas como o álcool tem deixado através dos anos conseqüências desastrosas, para muitas das famílias que tem usuários no mundo todo.

Enquanto no último levantamento do CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas), de 2005, o *crack* aparece como tendo sido usado apenas por 0,3% da população, o álcool surge como sendo consumido por 74% da população brasileira. A estimativa de dependentes de álcool no Brasil chega a 12%. (Maria. F.

Nassif, 2012). A autora em seu trabalho apresenta diferenças tão discrepantes entre a incidência do uso de álcool e do *crack*, e coloca que o uso do álcool é tão grave como o uso de outras substâncias psicotóxicas.

O álcool tem graves problemas para saúde pública brasileira, é pouco comentada sobre as questões do álcool como um grave problema de saúde pública. Está inserido como cultura social em nossa sociedade, desde o descobrimento do Brasil. Praticamente não existem políticas públicas para atenuar o problema do uso de álcool, e nenhum movimento para reduzir seu uso.

Muitas das famílias hoje com problemas de adolescentes usuários de psicoativos podem ter tido familiares usuários de álcool, e terem induzido de algumas formas adolescentes através da prática lícita do uso do álcool, ao uso de outras substâncias ilícitas, como o uso de crack.

As famílias de poder aquisitivo precários, em geral expulsas de contextos rurais por dificuldades de sobrevivência, enfrentam na cidade um mercado de trabalho precário, e poucas oportunidades para propor para os jovens uma continuidade de valores de família, trabalho, rede de proteção e solidariedade. Esta é a questão, que queremos problematizar nesta pesquisa.

## Capítulo 1

### Aspectos metodológicos

O objetivo da pesquisa é proceder, através de metodologia etnográfica, análise temática de fatores familiares, compreender o funcionamento das estruturas familiares, e os valores que norteiam as famílias contemporâneas de Moradores da Colina em Porto Alegre, RS, no primeiro semestre do ano de 2016, em busca de fatores familiares de significação que aponte a taxa elevada de usuários adolescentes de drogas nesta área, e apontar políticas públicas que auxiliem na prevenção dos laços afetivos familiares.

A pesquisa tem abordagem etnográfica qualitativa antropológica, foi desenvolvido em pesquisa em uma área de invasão no Bairro Jardim Carvalho, de nome Morado da Colina, em Porto Alegre, RS.

Foi feito um recorte em que foram entrevistadas somente as famílias que vieram da zona rural, que não tiveram antes de chegar à cidade urbana contato com drogas. A pesquisa buscou observar os padrões de vida familiar de camadas médias menos favorecidas na forma como usam de confiabilidade e liberdade vigiada para com os seus filhos. O contato com estas famílias visou registrar parâmetros familiares que possibilitaram ou não uma identidade social de risco a adolescente. A coleta de dados analisados apontou demandas de políticas públicas de prevenção a drogatição.

O trabalho etnográfico foi possível devido à pesquisa exploratória e contatos com moradores conhecidos a partir da minha relação de amizade com uma família oriunda de Três Cachoeiras, RS, que possibilitou contato com outras famílias da Morada da Colina, e não foi tido dificuldade na concordância em pesquisar nesta área. Indicaram-me outros seus conhecidos.

Passei a deslocar-me na vila como se fosse morador, indo aos estabelecimentos comerciais, e observando as rotinas e movimentos de pontos de vendas de drogas.

Pude praticar etnografia de observação, freqüentando os locais de estabelecimentos comerciais, próximos dos pontos de venda de drogas.

A natureza de pesquisa de campo foi construída na relação de alteridade, entre estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho (Velho, 1990).

Tendo o consentimento para a pesquisa, tendo compreendido minha intenção de pesquisa, foi feito roteiro de entrevistas semi-estruturadas, entre os pais e/ou responsáveis, apenas para dar liberdade de conversa e de abordar questões no sentido de

ter compreensão do ciclo familiar, que possa identificar fatores que contribuem na formação estrutural e ou na desestruturação familiar, como: se sabem onde os filhos estão fora dos horários escolares, relações de afetividade familiar, opções de soluções de capacitação do adolescente, conhecem os amigos de seus filhos, e se estão cientes de grupos de riscos a drogatição. Foi usado, também, o método de observação com 20 famílias do Beco dos Marianos e de seus adolescentes.

Com os adolescentes não se teve uma entrevista semi-estrutura, o diferencial ficou por conta da liberdade de conversar sobre assuntos gerais. As anotações foram em torno de perspectivas futuras dos adolescentes, e relação familiar na visão do adolescente. Por exemplo: O pai e/ou responsável responde comenta a dificuldade ou não de conduzir a vida familiar, situação econômica de saúde, de instituições públicas que beneficie a estrutura familiar. Do adolescente será algo que ele concorde ou discorde disto, mas sem dirigir uma pergunta direta a qualquer uma destas questões, que foram analisadas através da entrevistas de seus responsáveis.

As entrevistas obedeceram a um roteiro de entrevistas semi-estruturadas entre os pais e/ou responsáveis para abordar questões no sentido de ter compreensão do ciclo familiar, que possa identificar fatores que contribuem na formação estrutural e ou na desestruturação familiar como:

1º Os adolescentes devem deixar os responsáveis cientes de onde estão fora dos horários escolares?

Em conversa informal: Muitas escolas não têm turno integral para alunos, e com isto possibilita nossos filhos preencherem o tempo restante com muitas outras atividades, que pode ser de risco. Com esta abordagem dá para saber o quanto o responsável se compromete na orientação do adolescente nesta fase de idade.

2º As relações de afetividade familiar é importante para o convívio familiar?

Em conversa informal: Com muitos problemas cotidianos, e atividades que desenvolvemos como pais; não conseguimos ter maiores relações de amizade com nossos filhos. Com esta abordagem dá para saber o quanto o familiar esta relacionado afetivamente com o adolescente ou não para poder ajudá-lo.

3º Qual a importância da capacitação profissional de adolescentes para evitar grupos de risco?

Em conversa informal: Muitos jovens se tivessem maiores oportunidades estariam construindo um Brasil melhor, com melhor formação profissional e para eles melhores e maiores ganhos salariais. Com esta abordagem dá para saber se o

adolescente está amparado pela família no seguimento de aprendizagem, não só para um futuro promissor, mas de direcionamento de identidade, e soluções de capacitação.

4º Conhecer os amigos dos filhos ajuda a identificar a que grupo pertence, e se possível, isto melhora no direcionamento de identidade dos filhos?

Em conversa informal: Na cidade grande não é como no interior do estado, que é possível saber onde cada vizinho mora, e, é possível conhecer todos, inclusive os amigos dos filhos. Com esta abordagem dá para saber o quanto o familiar está relacionado com o adolescente familiar e com sua segurança e formação de nova identidade.

5º Você consegue perceber quando um membro da família está com algum problema de relações sócio-familiar?

Em conversa informal: Muitas de nossas atitudes são mudadas devidas a muitas atividades que temos, e passamos a não perceber muitas vezes os problemas que estão bem perto de nós. Com esta abordagem dá para colher dados de se o familiar mantém vínculos familiares de afetividade com o adolescente.

Os dados foram transcritos, ordenados, classificados e interpretados por meio de análise temática

Deslocamento: A natureza de pesquisa de campo construída esta na relação de alteridade, entre estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho, (Velho, 1990).

Um recorte da pesquisa em famílias oriundas do êxodo rural direcionou a hipótese de que o aumento da taxa de indivíduos usuários de drogas por família esta diretamente relacionada a problemas estruturais familiares.

A pesquisa com alguns usuários de psicoativos tem apontado que, mudanças repentinas nas estruturas familiares rurais, em situação de migração em cidades urbanizadas, dão a estes capacidades de subentender a falta de relacionamento de adolescente com seus pais como uma propensão a emancipação precoce.

Famílias oriundas do êxodo rural apresentam maior vulnerabilidade a grupos de riscos, nos centros urbanos, também, por não conhecer a dinâmica dos ciclos sociais urbanos.

O universo desta pesquisa é composto por aproximadamente 60% de famílias vindas do êxodo rural que residem na invasão Morada da Colina e seus micros eventos, como locais de comércio varejista próximo a comércio de drogas, no Bairro Jardim Carvalho, situado na zona leste de Porto Alegre,RS.

A pesquisa se deu entre os adolescentes, seus pais e ou seus responsáveis. A Vila Morada da Colina recebeu este nome por situa-se na parte alta do morro Santana. Localizada na parte oeste deste morro, da para se observar mesmo distante 12 km o por do Sol do Guaíba.

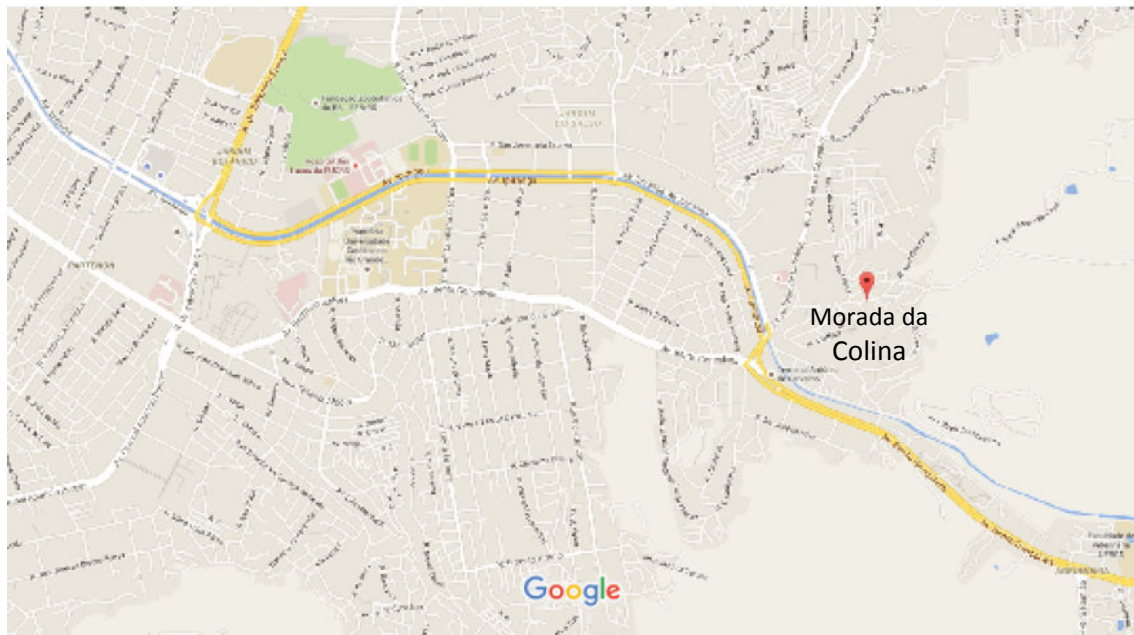
A vila tem uma rua principal, que é a Aristides Rosa, tem sua entrada principal ligada à Rua da Colina, a Rua Comendador Eduardo Seco, faz divisa com a vila IPE I.

Tem entrada pela Av. Antonio de Carvalho, começando na Rua Podalirio João Rocha.

Minha pesquisa se deu neste local por me chamar a atenção que, mesmo sendo uma área de invasão, as residências são planejadas, e não constitui casas com seus puxadinhos, aproximando-se de construções de camadas médias.

Caracterizados na pesquisa os moradores como pequenos agricultores, que, na sua maioria deixaram a zona de produção agropecuária, do Estado do Rio Grande do Sul. Muitos venderam suas posses, construíram suas novas moradas e começaram uma vida de trabalhadores assalariados.

#### Mapas da Morada da Colina





## Capítulo 2

### **Adolescentes e o consumo de droga como fator de risco na vida urbana**

#### **Ser adolescente**

Segundo Rassial (1997), o adolescente se situa em uma “posição no intervalo”, que não se determina como criança e nem como adulto. O sentido de liberdade e de poder é determinante em suas escolhas e construções de estilo de vida (Velho, 1990).

Na vida adolescente buscam abraçar os valores de autonomia e liberdade, o que na vida urbana esta muito ligada ao pertencimento à redes sociais de troca e convívio que os situam em tempos e espaços afastados das ações e determinações familiares. Por outro lado, a transição da adolescência a idade adulta impõe ao ser humano a necessidade de buscar seu lugar social. Conforme Caldeira (1999, p.16), as primeiras contestações, geralmente, ocorre no ambiente familiar, onde o adolescente começa a questionar comportamentos que lhes são impostos pela família, como se fossem leis, e passam a exigir da família e do ambiente que o cerca respostas coerentes aos seus questionamentos.

O horizonte pode ser vislumbrado pelo adolescente com ou sem critérios de boas ou más escolhas. A interação com o ambiente comunitário e seu relacionamento com grupos de risco pode ser uma opção de mundo tão próximo que não lhe permite ver outras opções sociais que lhe traga melhor e ou maior segurança. Este processo de transformação e ou de desprendimento familiar, é repleto de paradoxos. A busca pelo caminho de emancipação, para o adolescente, o coloca em face de riscos que nem sempre os familiares conseguem acompanhar, com, conselhos, orientações e busca de outros caminhos, que, não sejam o do consumo da drogas em prejuízo da saúde.

De acordo com Silveira e Silveira (1999), mesmo muitos adolescentes contrários ao uso de drogas deixam-se levar pela chamada pressão do grupo. O pertencimento as redes sociais, que, valorizam o consumo como estilo de vida, marcas de pertença a um estado de ser crítico, contestatório e marginal, estão entre os fenômenos sociais, que, os envolvem em gostos e desejos de consumo.

A posição social e econômica ostentada por participantes de grupo de risco, mais, a condição de euforia produzida pelo uso de psicoativos, enfraquece a visão do certo e do errado. Por ser considerado ainda sujeito em desenvolvimento, a vida social do adolescente necessita ser protegida de riscos para saúde.



Segundo Delgado (2005), “A adolescência se estende da puberdade até a vida adulta, sendo considerado o momento ideal para que o ser humano consolide em si valores morais.” A constituição Federal do Brasil (art. 227) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), da Lei 8.069/90, reconhecem a adolescência como o período que vai dos 12 aos 18 anos incompletos.

Com os perigos eminentes de dependência química encontrada por adolescentes, suas complexidades, a pesquisa propõe, não somente identificar os riscos, mas apontar as demandas dos grupos, (tanto jovens como de seus familiares), e apresentar para construção de possíveis políticas públicas, para uma socialização segura, propondo ao adolescente evitar dependência de psicoativos.

### **As experiências familiares de migrantes**

O processo de mudança da família do meio rural para o meio urbano trouxe uma repentina transformação, no, modo de vida destas famílias. O trabalho familiar rural possibilitava as famílias estarem reunidos em maior parte de tempo, com isto maior observação e orientação dos pais sobre as ações dos filhos, conseqüentemente menos envolvimento destes com grupos de riscos.

O adolescente ao alçar maturidade no meio rural tem a orientação contínua dos pais, isto possibilita também a estes reconhecerem grupos de riscos, e não se deixarem serem aliciados por grupos de risco.

O trabalho na zona urbana exige mais tempo dos pais longe dos filhos. Esta ausência para muitos dos adolescentes traz a perda do sentido de tradição patriarcal, e orientadora da familiar rural.

Esta transformação repentinamente na estrutura familiar pode ser percebida como emancipação precoce e/ou perda de laços afetivos pelos adolescentes. Na tentativa de preencher este espaço social, o adolescente se permite experimentar diversas situações na busca de formação de sua nova identidade, buscando um novo sentido a sua vida, diferenciada daquela que vivia antes no meio rural.

Há uma oportunidade de o adolescente entrar em uma nova realidade, com a qual ele vai se relacionar de forma particular e que lhe permitirá reconhecer-se enquanto sujeito. Os resultados podem ser: distanciamento familiar, evasão escolar, abandono do lar e até mesmo uso de psicoativos.

Nery Filho e Torres (2002) apontam que a amizade torna-se uma relação de pessoas específicas, no qual, o adolescente cria novos laços afetivos, estabelecendo

assim, um círculo social reduzido e homogêneo, em que, os jovens encontram sua própria identidade, em um processo de interação social.

No universo de minha pesquisa realizei pesquisa exploratória na Vila Morada da Colina, onde realizo um estudo de caso sobre este problema social. Neste contexto, pais com menos tempo junto dos filhos estão ocupados com a sobrevivência, em face da carestia da vida, o que diminui a possibilidade de educação familiar, ficando os filhos mais propensos a serem aliciados por grupos de risco. Este recorte de pesquisa entre moradores da Vila Morada da Colina, com alta concentração de moradores oriundos do êxodo rural, permite analisar as estruturas e rompimentos mais bruscos, de laços de afetividade familiares, em trajetórias de trabalhadores que tiveram que responder às precariedades rurais, com, busca de atividades no contexto urbano.

### **Dados oficiais**

A pesquisa exploratória apresenta dados importantes, sobre a taxa de usuários de drogas se eleva nas comunidades de baixa renda, por que está relacionada a aumento do consumo com a pobreza.

Sudbrack (1996) diz que a baixa renda familiar é um dos fatores que leva o adolescente a inclinação ao consumo e a venda de drogas.

Importantes dados registrados em campo através de pesquisa exploratória feita nesta localidade (para certificar-se da viabilidade deste projeto) constataram que a maioria destes moradores veio da zona produtora agrícola, do Rio Grande do Sul, (êxodo Rural).

Um dado importante deste local é que, mesmo sendo uma antiga área de invasão, tem infra-estrutura com; água, luz, saneamento e ruas asfaltadas. Com residências aparentemente as de “camadas médias baixas”, quase sempre com veículos em garagem, dando ao local uma característica de área urbanizada e planejada.

Considerando uma área de moradores mais para as “camadas médias baixas”, do que para “camadas populares”, o número de usuários de psicoativos adolescentes na Morada da Colina é bastante elevado, e em algumas famílias mais de um usuário por família.

A pesquisa oportuniza através de contato com adolescentes e seus familiares, conhecer melhor o ciclo social familiar, e identificar fatores da estrutura familiar que resultam em risco social para estes adolescentes.

## **Capítulo 3**

### **Os interlocutores e suas vozes**

#### **Interlocutores**

##### **Sr. João Kainipel**

Com 48 anos descendentes de alemães, natural de Torres-RS, com estatura de aproximadamente 1,65 m, com voz aguda, fala rápida, e com um leve sotaque germânico. Pele bastante clara, com manchas que se parecem com grandes sardas no rosto, magro, apresentando uma cicatriz horizontal grande no pescoço, na altura da tireóide.

Seu modo de andar é com passos rápidos, veste-se moderadamente, como quem vai solicitar emprego, calça e sapato social, e uma camisa de gola pólo.

Ele apresenta sobriedade ao falar. Não terminou o ensino fundamental, mas traz característica de vivência com experiência de vida. Apresenta forte senso crítico, e demonstra equidade. Através de colocação de provérbios em consonância as suas palavras proferidas, dá uma conotação de cotidianidade vivida com bastante intensidade. O Sr. João não usou termos de linguagem no momento da entrevista que aproxima do linguajar popular, ouvido dentro de sua faixa etária, na comunidade local, como gírias, e/ou palavras esdrúxulas. Dá-se a entender que o Sr. João tem diálogo diferenciado para cada momento específico, e pessoa específica. Concluo que na função de comerciante, deve ter se oportunizado esta prática de diálogo e relacionamento com distintos grupos.

##### **Sr. Anilton**

O Sr. Anilton um senhor de voz grave, mas como alguém que sempre esteja contando uma história, com uma fonética mais alongada do realmente precisa. Com estatura baixa, medindo entre 1,60 m, usa roupas simples; um paletó antigo, e calça social.

Na mão esquerda tem apenas o dedo polegar inteiro, os restantes dos dedos desta mão estão com 50 e ou 40 por cento, conta que foram amputados partes destes dedos por ocasião de um acidente com fogos de artifício, quando ele era menino. Nasceu em Lavras do Sul, e teve sua infância em Caçapava do Sul, RS.

Veio morara em Porto Alegre, no lugar chamado ilhota, hoje local do ginásio Tesourinha, e também local da Empresa EPTC. Quando esta vila foi retirada do local, não acompanhou a ida dos moradores para a Restinga Velha, veio morar na casa de um irmão no bairro Agronomia, pois já estava para casar, pois já poderia garantir o sustento da família, já que tinha começado uma pequena oficina de reparos de calçado (sapataria).

Casou com a Sra. Eliane, e teve 10 filhos.

### **Sra. Eliane**

A Sra. Eliane de estatura baixa, com aproximadamente 1,55 m. Veste-se socialmente, fala mansa, com timbre de voz aguda. Nasceu em São Borja, quando menina. Fixou residência em São Gabriel, por motivo de aposentadoria de seu pai, que, foi ferroviário.

### **Sr. Hélio**

Estatura mais alta que a média de estatura brasileira, aproximadamente 1,85. Mostra aparente calmo ao falar, mas fala quase sem nenhuma pausa, voz alta e grave, veste uma jaqueta de poliéster com capuz, calça de jeans, usa sapatênis. Quando fala não desvia o olhar, mostra-se em suas formas de se expressar fluidez e boa dicção em seu linguajar polido, mesmo para quem não tem o ensino fundamental completo.

Comerciante de materiais domésticos e gêneros alimentícios.

### **Sr. Ferreira**

Estatura mediana, aparentemente calmo, fala rápida, nasceu próximo ao local onde mora, e, onde tem seu comércio, mostra-se agradável a todos, sempre com tom gracejador aos fregueses mais antigos.

### **Sr. José**

Estatura baixa medindo aproximados 1,60 de altura, não deve ter mais de 55 kilos. Pele morena usa bigode, fala com sotaque bastante puxando nas palavras que tem “r”. Veste-se no momento roupas clássicas sociais. Qualquer pessoa ao ouvi-lo pela primeira vez nota que é do interior do estado do Rio Grande do Sul.

## **Vozes**

### **Sr. João Kainipel**

Através de contato feito com a filha do Sr. João Kainipel, que, me passou o número do seu telefone, e em breves palavras com o Sr. João, me concedeu um tempo para entrevistá-lo.

Foi acordado que se fizesse à entrevista às 09h00min h do dia 07/05/2015.

Cheguei à sua residência no horário combinado. Seu João estava me esperando no portão com uma cuia de chimarrão. Convidou-me para entrar, me ofereceu uma cadeira em uma sala de estar, junto ao uma cozinha tipo americana.

Coloquei primeiramente o porquê da minha entrevista, e do trabalho a ser realizado.

Começou falando: quando eu cheguei em Porto Alegre, tinha uns 24 anos, e iniciei com um armazém aqui no morro, em súaia com um irmão. Quando já tava bem forte com tudo o tipo de negocio, um mercadinho bem surtido, e todos da vila compravam aqui, tinha padaria, açougue e bazar, mais nem tudo é como a gente pensa, e em 1986, tive que abandonar a sociedade com meu irmão, não deu mais certo, deixei tudo ai pra ele e sai quase de mão abanando.

Não entrei em maiores detalhes sobre o negócio desfeito, mas perguntei o que ele pode me dizer do tempo em que chegou aqui para o tempo de agora no Morro e suas mudanças com as pessoas.

Quando cheguei aqui todo mundo era amigo, mais já se via alguns fumando maconha, e depois disso se via os cheradores de cola e loló (solvente de cola), isso se via até no centro. Mais eu não tinha muita conversa com esta turma. Minhas filhas, quando começaram a ir pro colégio, eu levava e trazia. Sempre que podia saia com elas, mas, não deixava saírem sozinhas. Até hoje eu vou ao colégio das filhas, pra evita qualquer aproximação de qualquer um destes pedreiras. Fico de olho n'elas, quase como regime militar, pra cuidar delas, eu que sei dos problemas.

Quero saber até quem são os colegas d'elas, a mais velha me xinga, tem vergonha, mas de vez em quanto eu apareço no colégio dela. Quero mostra que elas têm um pai, e tem que serem respeitadas. O homem para ser verdadeiramente um chefe de família exemplar, tem que segui seus objetivos, e não descuida da família, pra depois não fica sofrendo, como vejo muitas famílias aqui.

Pra manter uma família não é só um prato de comida e roupa, tem que ter segurança e estrutura de família, respeito e amor pelos filhos, mesmo que os filhos já estejam criados.

Próximo das 10h00min, ele me disse que teria que buscar sua filha mais nova no colégio, que ia soltar mais cedo, mas antes tinha algo mais a me contar, e pediu que parasse de gravar. Mostrei a ele que estava desligado o celular, para dar mais segurança no seu relato. Disse que: nesta semana tinha um baile que estava patrocinado pelo caras da boca (ponto de venda de drogas local), perto daqui. Começo uma briga, que gritavam muito, mulher e crianças. Começo cedo e foi até a madrugada. Não tinha jeito, e só paro quando o patrão da boca veio até aqui, e mando todo mundo pará, e botô ordem, pediu respeito pelos moradores, deu dois tiros, e paro a briga, e pelo jeito todos foram dormi, ninguém grito mais, nem a música se ouviu.

Despedi-me do Sr. João, com ele me dizendo que suas portas estão abertas pra mim, e que eu lhe visitasse outras vezes.

### **Sr. José e Sr. Adailton**

Duas famílias, vindas de Miraguaia e Santo Augusto, RS, me concederam entrevista. Meu contato com elas foi por indicação do Sr. Kainipel.

Fiz contato com o Sr. José, em um dia que se preparava para um culto religioso, mas antes tirou uns minutos para minha entrevista.

Falei de minha pesquisa, e se contribuísse com a pesquisa, estaria colaborando com meu trabalho de CCT na UFRGS. O Sr. José disse que não teria problema em contribuir com minha pesquisa, mas seu cunhado o Adailto mandou dizer pelo Sr. José que não tinha tempo, mas que ele, seu cunhado poderia dar por ele as informações necessárias que eu precisava, já que o Sr. José conhecia bem sua família.

O Sr. José me disse que se era para contribuir comigo na pesquisa, poderia a ser até agora. Com a sua prontidão e a sua maneira alegre de falar, paramos e começamos a conversar a respeito do meu trabalho, primeiramente, e depois falei que estava mais interessado de que falasse sobre a sociabilidade de suas famílias em Porto Alegre, e o que achava do uso de psicoativos.

O Sr. José disse: Eu vim de Santo Augusto, RS, no ano de 1999, trouxemos três filhos, duas meninas de 03, e 10 anos e um menino de 08 anos. O meu sogro continuou morando lá em Santo Augusto, e depois quando veio em 2000, colocou uma casinha pequena no lado da minha casa. Eu fiquei com parte de baixo, e o Adailto quando

chegou com o meio do terreno e o meu sogro com a parte de cima do terreno. Nem eu a mulher tinha terminado o ensino fundamental. Tivemos que trabalhar, e conseguimos serviço em uma empresa frigorífica, que estamos até hoje. Nos se falava mais nos fim de semana. Eu trabalhava de noite e a mulher de dia. Eu mesmo tinha muito medo daqui por causa das drogas, e não deixava os meus filhos sair sozinhos nem pros vizinhos mais pertos, por isto que eu trabalhava de noite e a mulher de dia, sempre tinha um de nos em casa.

Pro nossos filhos sempre avisa de todo tipo de perigos. Já ouvia falar muito das drogas em Porto Alegre, mas em Santo Augusto eu não conhecia ninguém que usava nenhum tipo de droga.

O Adailton e a Rosemary tava morando em Miraguaia, RS, e eles chegaram em 2000, e trouxeram duas filhas com eles, hoje elas já tem uns 28, e a outra a outra 22, os outro dois filhos de, 15 e 8 anos nasceram aqui em Porto Alegre. Nem um de nós tinha o ginásio, mas só as primeiras séries, o Adailto só aprendeu a le e escreve em casa mesmo. Nenhum de nós sabia o que era droga, só mesmo se via fala na televisão. O Adailto quando chego foi trabalha em uma serralheria, e a Rosemary mais tarde começo a trabalha como doméstica. Eles deixavam a filha mais velha cuidando dos pequenos, a mais velha tinha uns 12 há 13 anos. A conversa deles com as crianças era só na cobrança dos serviços da casa que não era feito, eles não viam outros problemas, que era das amizades dos filhos.

A mais velha tem um filho com 10 anos, ela foi viciada em crack e pelo jeito ainda se prostitui, mas parece que terminou o fundamental. A abaixo desta também é viciada em crack, é uma pena tudo isso poderia ter sido evitado. Essa terminou o fundamental. O pequeno de 09 ano está na quarta série do fundamental. O rapaz mais velho tem agora uns 16 anos este e o guri mais novo não deram trabalho ainda. O mais velho termino o ensino médio, e começo um curso de técnico de mecânico, pelo que parece não teve nenhum problema com drogas.

É difícil para eles, eu e a mulher nois falamos muito pros nossos filhos. Eles até iam ao colégio fala com os professores nas reuniões, mas não sei se adiantava muito. Tudo é as amizades, A gurias deles quase não ficavam em casa. Eles saiam pra trabalha e chegavam e brigavam sempre por causa dos serviços de casa que Elas não tinham feito.

Não adiantava nem fala muito.

Nois não tivemos trabalho desse jeito com nossos filhos, e nenhum tiveram problema com as drogas. Não sei se foi nosso cuidado, mais eles estão ai, os dois mais velhos terminaram o segundo grau, a mais velha com 25 anos terminou o ensino médio e é formada em curso de informática e ta fazendo técnico de enfermagem. A mais nova está terminando o médio e ta fazendo um estágio em informática. O meu guri tem 23 anos está no CPOR Porto Alegre, RS. Centro de Preparação de Oficias da Reserva, e ta pra casar com uma guria lá de Carlos Barbosa.

### **Sr. Anilton e Sua esposa Eliane**

Fiz contado com o Sr. Anilton quando me abordou defronte a uma igreja evangélica, onde freqüentava. Após ouvi-lo a sua forma de evangelizar, disse que tinha interesse de entrevistá-lo. Disse-me que estava sempre por casa, a não ser nos horários de ir levar os netos à escola, por volta das 7h e 30min e 9:00 h, e próximo às 12:00 h., quando ia buscar.

Passando alguns dias, fui sem avisá-lo. Encontrei o Sr. Anilton sentado na área de sua residência, lendo um jornal. Tão logo que me avistou, veio me receber no portão.

Deu-me uma cadeira para sentar ali mesmo na área, mas sua esposa sra. Eliane, logo me veio cumprimentar, insistiu que fosse conversar na sala da residência, mesmo com o Sr. Anilton discordando momentaneamente. Entendi a atitude da Sra. Eliane, já que ela sabia do motivo de minha visita, de não querer conversar assuntos referentes à droga na área de sua residência, pois o local era muito próximo da via principal da vila, e se podia ouvir qualquer assunto da área da residência, mesmo estando na via. Ofereceram-me um sofá na sala para sentar. Logo veio me cumprimentar uma das filhas e uma das noras, que tinham casa no mesmo terreno.

Apresentei-me como aluno do curso de Ciências Sociais da UFRGS, e que minha pesquisa era para o trabalho de conclusão de curso.

Pedi a eles que me falasse um pouco a respeito de suas trajetórias de vida, e que elas sabiam a respeito de drogas e usuários.

A Sra. Eliane tomou à dianteira na entrevista e disse-me: eu não conhecia ninguém que usasse drogas antes de chegar a Porto Alegre, apesar de eu ter viajado bastante pelo estado. O meu pai trabalhava na Rede Ferroviária Federal, e eu aproveitava ia a muitas cidades com ele.

O Sr. Anilton, relatou que quando nasceram meus primeiros filhos, tive que trabalhar dobrado, com entrega de jornal e na sapataria. No Correio do Povo, eu



levantava às 04h30min horas da manhã e pegava o primeiro ônibus pra pode entrega o jornal a tempo.

Trabalhei com o jornal desde 1970 até 1982. Eu chegava em casa, conversava com os filhos quase que dormindo, estava muito cansado e com sono. Meus problemas com meus filhos começaram mesmo foi quando tive que trabalhar no correio, foi no tempo em que tive mais ausente dos filhos. A esposa começo a trabalha de empregada doméstica quando eu já estava quase largando de trabalha com o jornal. Eu também saia de casa nas primeiras horas da manhã para entregar o jornal, e também neste tempo se víamos pouco, só pra come e dormi e tudo de novo, ia pro Correio do Povo, e depois das entregas eu ia direto pra uma sapataria que fica perto do antigo cinema Avenida, na Av. Venâncio Aires. Eu tinha que manter a familiar, se não fosse trabalha não dava pra todos come, e roupa calçado e material pro colégio pra todos. Eu chegava em casa cansado, e quase não via os filhos, e nem conversava com eles.

O meu filho mais velho um dia apareceu diferente e percebi logo, mais ele não falava nada, ficava me evitando. Um dia teve uma trapalhada, brigava com os irmãos, que eu só fiquei pedindo a Deus que tudo melhorasse. O bom dos meus filhos era que não pegava nada de ninguém. Dos meus dez filhos sós dois tiveram esse problema. Este filho teve uns tempo que não trabalhava, mas pedia sempre dinheiro, não roubava, mas pedia emprestado pra mãe, e não tinha pra paga.

A Sra. Eliane disse: meus seus filhos nunca roubaram, nem uma moeda se quer, se deixava ao alcance, mas eles quando queriam pediam.

O Sr. Anilton pediu licença para ir buscar os netos na escola, e complementou: eu tratava os filhos sempre com respeito, nunca disse nenhuma palavras de maldição, e nunca expulsei meus filhos de casa. Tenho outro que agora usa crack, e não me dá muito sossego, porque briga com os outro, mais não rouba, trabalha bastante em uma madeireira, (revenda de matérias de Construção), mas gasta quase todo seu dinheiro com crack. Outro dia ao pedir pra ele que ficasse calmo, e ele começou batendo nas minhas mãos.

O Sr. Anilton precisou buscar os netos na escola, e me disse: continue a fala com a minha esposa, e tudo o que ela disse, eu assino em baixo.

A Sra. Eliane continuou a respeito do filho usuário de crack, hoje com 29 anos.

Este filho é muito brigão, e muitas vezes chega em casa sem chinelo, tem que corre pra não morre ou apanha dos outros. Continuando ela me contou que: há mais ou menos cinco anos este filho foi busca droga numa outra vila com dois amigos, e

atiraram neles e os tiros passou nas pernas dele e nos dois os tiros acertaram as pernas, e o meu filho por sorte e vontade de Deus saiu sem nenhum arranhão. Outro dia cheguei em casa e vi a casa toda respingada de sangue, meu filho mais velho tinha colocado este irmão a força pra dentro de casa, os outros usuários queriam apedrejá. Ele ficou como se loco, e quebro os vidros da janela, e se corto, com o sangue começo a sujar todas as paredes, e esfrega o sangue no corpo. Tiveram que chama BM, que levo pra fase curativo e custurá os cortes no hospital, depois mandaram pra casa.

Ele chegou em casa como se nada tivesse acontecido, só no outro é que ele me disse que ia pra casa de uns parente, em SC. Isso foi logo nos primeiros meses de 2011, quando saiu pedi um abraço, foi só o que e ele me disse, que abraço era para os fracos, botou mochila nas costas e desceu o morro sem olhar pra trás. Ficou sem da notícias por mais de sete meses. Quando uma de minhas filhas veio me pergunta o que eu queria dos dias das mães, e eu disse: que queria receber um abraço deste filho. Pra minha surpresa antes dos dias das mães, ele estava chegando em casa, disse que veio dar o abraço que ficou devendo há quase um ano. Neste momento a Sra. Eliane chorou. Disse que soubera que este filho tinha passado muito trabalho, pousado na rua, e depois que foi para a casa dos parentes, mas como ele era muito agressivo, os parentes de SC, pediram que fosse embora. Veio para Porto Alegre.

Muitas brigas se tiveram em casa com o filho mais velho, que pedia que o irmão deixasse de ser um usuário de crack.

Ela disse que aprendeu que quando eles brigavam, ela entrava para o banheiro, e começava a cantar hinos evangélicos, e eles paravam de brigar.

Desde então ele não tem mais brigado.

### **Entrevista com o Sr. Hélio**

Através de contato com a senhora Elida que falou de seu filho Hélio, que havia sido usuário de droga por mais de dez anos. O Sr. Hélio mandou dizer que estava à disposição para a entrevista, mas havia desencontros, até que encontrei entrando em um estacionamento junto a uma igreja evangélica na av. Ipiranga. Perguntei se era possível falarmos de sua experiência com drogas, contribuindo um pouco com a minha pesquisa. Disse que sim. No momento apenas tinha caneta, e não dispunha de papel, mas peguei o verso de folhetos de propaganda, para não perder aquela oportunidade. Fiz um breve relato de meu projeto de pesquisa, disse que ele estaria colaborando para um trabalho de pesquisa com drogados. Ele disse que não era usuário há mais de sete anos. Eu

perguntei para o Hélio o que foi a droga para ele. Nas palavras do sr. Hélio: quando comecei foi com algum cigarro bem novo ainda. Um cigarro de maconha foi depois das aulas, eu nem tinha muita noção dos problemas que a droga me traria.

Comecei a fumar maconha com alguns amigos, quase no mesmo tempo que comecei a fumar cigarro, e isto pra mim era um preenchimento de uma lacuna, uma forma de eu viver feliz. A minha mãe reclamava por causa do cheiro do cigarro e não conseguia perceber que eu estava com outros comportamentos, devido ao uso de maconha. O pai percebeu logo que havia algo diferente, mas não me falou nada, mas mudou suas atitudes comigo. Ele cobrava muitas coisas como a falta de confiança, em dinheiro que eu pedia, e não pagava, e também minhas faltas no colégio, mas não falava sobre nenhuma droga. Antes eu tinha um bom relacionamento com meu pai, tinha de confiança de filho mais velho, e isto passou. Logos os meus irmãos mais novos que eram os mais amigos do meu pai, e tinham todos os direitos com ele. Senti que tinha perdido um amigo.

Eu tinha a maconha como momentos de alta realização, já, as pessoas que estavam de fora eram que tinha a minha vida como um problema. Eu tinha minhas realizações, e o prazer era de relaxar a mente. Alguém sempre vê a gente como perigoso, e não somente como um usuário. Havia uma fronteira, de um lado, meus familiares e vizinhos do outro. Eu comecei a me distanciar cada vez mais dos parentes e vizinhos, e que cada olhar era um olhar de me condenar por ser usuário.

Não culpo ninguém, mas isto foi um passo pra mim usar o crack. O crack foi diferente, um orgasmo de relacionamento sexual com a namorada dava pra mim cem por cento de prazer, e o crack me dava na hora uns mil por cento de prazer, tanto é que o sexo ficava longe quando queimava muito crack.

Eu nunca deixei de morar com meus pais. Às vezes eu queria chamar a atenção da família, e até ficava fora de mim, quebrando vidros e me cortando. Uma vez eu me lambuzei todo o meu rosto com seu sangue que me cortei, e sai pra rua assustando tudo quem passava. Isto era uma maneira de eu chamar a atenção, me achava muito distanciado da família, e naqueles momentos pareciam mudar, e tinha certa aproximação da família. Na vida foi ganhar e perder. Eu não tinha um grupo de amigos que pudesse estar sempre junto, eu tinha um hábito de me drogar e ir pra casa dormir. Meus amigos costumavam se drogar vários dias seguidos, e passavam as noites perambulando nas ruas. Eu me drogava e me atirava na cama e dormia o dia inteiro, no

outro dia tinha que me acorda à tarde, e começa tudo de novo. Se eu queimavam umas pedras até as duas da madrugada, logo estava em casa novamente.

Perdi muitos amigos que deviam e não pagava, eu acho que pelo menos uns oitos. Alguns então presos até hoje, dois que eu saiba deixaram de ser usuários.

Interessante que na minha aula no ensino médio, uma professora gostava de conversar comigo, e me perguntava por que eu era tão estressado. Só com isto eu já me sentia um pouco feliz. Os momentos que ficava na secretaria com a professora e me dava à atenção eu não esquecia, e me sentia um pouco de felicidade porque alguém estava preocupado comigo.

Pra cocaína era só ter dinheiro que cheirava, fiquei uns cinco anos de crack.

Pra mim nada adiantava, conselho, nada, não procurei nenhuma outra ajuda, eu me sentia bem com o que fumava e ou cheirava. Foi só quando o meu primeiro sobrinho nasceu que comecei a pensar diferente. Uma parte de mim começa a mudar, e vi aquele pequeno nos meus braços que minha irmã me deu e eu não queria mais largar, e comecei a pensar em dar uma parte de mim pra aquela criaturinha. Eu sentia que tinha que fazer um gesto de humanidade. Comecei a me sentir um pouco mais humano e comecei a mudar meu comportamento.

Esta humanidade fez refletir e mudar meu comportamento em casa resolvi freqüentar os Narcóticos Anônimos por uns tempos, e com algumas palavras e reflexões das reuniões passei a freqüentar uma igreja evangélica. Eu tinha tudo pra me libertar.

Devo a Deus a minha condição de fé e a ajuda dos NA. Devo muito ao meu sobrinho, que sou muito apegado e tem uma grande parte na minha recuperação. Eu tinha uma demonstração de afeto, quase que uma obsessão, mas isto se tornou para mim uma ancora. A minha família viu minha mudança, e meu pai voltou a ter confiança, que sem eu pedir dinheiro, viu que eu estava precisando, e me ofereceu dinheiro emprestado. Hoje eu tenho uma companheira. Eu tento pagar todo o prejuízo de muitos anos, sempre que posso estou junto de meu pai.

### **Sr. Ferreira**

O Sr. Ferreira propriamente não me concedeu entrevista, mas não disse que eu não tomasse nota da conversa. Em suas palavras comentou que: de uns tempos para cá não tenho tido mais problemas com ninguém, este lugar é uns dos melhores lugares pra se morar, trabalho sossegado, saio e deixo tudo do jeito que ta. Nem sempre foi assim.

Tinha que ter sempre um dinheiro no caixa pro ladrão. Vinham aqui levavam o que tinha no caixa, assustavam meus empregados. Agora com a vinda desses homens (refere-se à nova facção) estamos mais tranquilos, ninguém sequer pega mais uma coisa de alguém no morro, aqui ninguém rouba. Fui lá e falei direto com o patrão e tudo certo dá pra trabalha que ninguém se atreve a pega nada de ninguém.

Ninguém se mete com ninguém e ta tudo certo. Bah, de primeiro nem o gás subia aqui, e os fornecedores também não tinham nem coragem de entrega as mercadoria.

Mas que tempo tem acontecido assim? Há! até o ano passado me achacaram mais de duas vezes pertinho uma da outra, um desaforo! Os caras não são daqui.

## Capítulo 4

### Revisão bibliográfica sobre o problema

#### A leitura da tese de Jardel Fischer Loeck

O autor Jardel em seu trabalho de pesquisa, “A Dependência Química e seus Cuidados” (2013), aponta a condução de políticas públicas subtraídas das entrevistas realizadas em seu trabalho a campo. As vivências de indivíduos em situação terapêutica, e os direcionamentos da pesquisa, privilegiam a condução de políticas públicas.

Os resultados de políticas públicas após ser um usuário, em muitos casos não são tão eficazes, como comenta Jardel F. L. (2013), em sua tese de doutorado, de que é muito difícil para um usuário de psicoativos a sua recuperação.

As políticas públicas existentes de recuperação se aplicam a indivíduos, que se admitem estarem doentes.

O fator de impasse da questão para o usuário é o aceitar o método terapêutico de abstinência. Segundo Jardel, o indivíduo para ser incluído neste método terapêutico tem que se apresentar como doente.

“Apesar das políticas públicas serem pautadas pela redução de danos, na prática se observa um privilégio de investimento às políticas de abordagens terapêuticas baseadas em abstinências” (Jardel L.F, 2013).

“Deve se virar um doente para ser incluído”. O autor menciona que os instrumentos políticos colocam o indivíduo em uma alteridade patológica para ser incluído.

O fator importante desta questão evitado pelo usuário de psicoativos é que não se consideram um doente, por serem usuários de psicoativos, e para tanto evita a proposta de engajamento terapêutico, baseado na abstinência.

Muitos usuários têm freqüentado muitas instituições e clínicas de ajuda mútua, com diferentes programas terapêuticos de recuperação, e em diferentes períodos. Com muitos esforços, alguns tem conseguido a recuperação. Estar abstêmio por longo período não tem sido para muitos.

Um das dificuldades relatadas pelos usuários de psicoativos, que freqüentam os NA, são o de que têm que mudar de hábitos, (lugares e amigos como forma de evitar

as “recaídas”), “hábitos, lugares e pessoas da época da ativa”, para “evitar a primeira dose”.

Um das dificuldades de muitos indivíduos, mesmo não sendo usuários de psicoativos, são ter que mudar de hábitos, lugares e amigos.

Esta mudança gera desconforto social para o indivíduo usuário de psicoativos, uma das razões do usuário ir contra o método terapêutico de abstinência, e tendo uma difícil recuperação.

A grande importância em se produzir políticas públicas de prevenção é não ter o indivíduo socialmente doente, e com condições de produzir para si e para a sociedade.

“Algumas pessoas que entram em processos de dependência conseguem contornar o problema através das terapêuticas biomédicas que hoje informa e ajudam a produzir políticas sobre o tema”.

Jardel menciona que: “A estratégia de redução de danos é o objetivo de política que poderia citar os de conscientização social sobre os prejuízos e implicações em decorrência do uso indevido de psicoativos “educar, informar, capacitar e forma em todos os segmentos sociais para a ação efetiva e eficaz de redução da demanda, da oferta e de danos”.

As políticas públicas de prevenção abordadas nesta pesquisa são os objetivos da demanda de redução de danos, em uma escala que atinge as famílias já afetadas socialmente pelo problema, visto que se têm usuários na família.

O objeto de ação é trabalhar a prevenção a novos usuários de psicoativos, e a redução de danos pautada ao conjunto familiar estaria, não apenas no sentido de reverter no caso do indivíduo usuário, mas com objetivo de conscientização, e ação de políticas públicas para apontarem novos horizontes aos adolescentes que a inda não são usuários de psicoativos. Estes apontamentos de políticas públicas aplicadas se estenderiam a filhos menores e irmãos de usuários, com objetivo de prevenir, visto que já existe uma conscientização do problema na família.

Jardel menciona que um “adicto”, já era adicto mesmo antes de consumir substâncias psicoativas. Se existem consumidores de substâncias psicoativas na família o melhor é prevenir que novos adictos sejam realmente consumidores, como filhos e irmãos mais novos de adictos consumidores de princípio ativos.

O fortalecimento dos laços de efetividade, e o não rompimento deste vínculo familiar com o adolescente, podem alcançar resultados importantes no convívio familiar.

O adolescente tendo amparo afetivo familiar, não procurara fora do âmbito familiar amparo afetivo, visto que sua formação psicológica exige afetividade, e sua pré-disposição a adicto consumidor venha a ser trabalhada, reforçando as bases da estrutura familiar.

### **A cidade ilegal**

No trabalho de Telles. V. S. e Veloso. H. D, Estudos Avançados 21 (61), 2007. Cidade e práticas urbanas: Nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. O traficante local precisa de novos consumidores. Primeiramente acionam as crianças para o trabalho de olheiro. Com sua pompa de bom patrão não tem dificuldade em ter ao seu lado um grupo seletivo de novos, pequenos, trabalhadores da informalidade. Organiza festas recreativas no bairro e patrocina melhorias como sedes e associações.



## Capítulo 5

### A voz interpretativa do pesquisador

#### Resultados do Trabalho de Campo

Todas as quatro famílias apresentam-se como classe social, abaixo da classe média.

Duas tinham filhos usuários de drogas, e dentre as quatro famílias ao chegarem à Porto Alegre. Todas não tinham tido nenhum envolvimento com drogas, e desconheciam os maiores problemas relacionados à droga. Duas destas não sabiam quem era os amigos de seus filhos. Duas dava liberdade vigiada, e acompanhava as reuniões escolares de pais e mestre. Uma família apresentou solução de capacitação para seus filhos. Duas destas famílias não sabiam onde estavam os filhos fora dos horários escolares.

Das quatro famílias entrevistadas duas tinham filhos usuários de drogas, e todas não sabiam de problemas locais de drogas quando chegaram à Porto Alegre.

Com isto se percebe que famílias de baixa renda, mas que sabe onde está o filho fora de horário escolar, conhece os problemas locais sociais, e orientam sobre possíveis perigos de grupos de risco, procura soluções de capacitação para o adolescente, mostra-se presente na vida cotidiana e vida sentimental dos filhos, também tem sucesso semelhante aos de família de classe média alta, em relação ao não uso de psicoativos entre seus adolescentes.

Portanto a baixa renda familiar não é o que mais implica na drogatição dos adolescentes, mas sim a falta de afetividade familiar e solução de políticas publicam na capacitação do adolescente.

A Família do Sr. João, vinda da cidade de Torres, RS. A mãe tinha o fundamental completo, e o pai não concluiu. Convivia com pessoas que tinham o vício de maconha, mas nunca tiveram contato direto com drogas. Veio apenas o casal em 1984, para Porto Alegre, RS.

Esta família teve três filhas. Hoje com onze, dezesseis e vinte anos.

Os pais não isolaram as filhas, que conviviam nas áreas, de grupos tidos como perigosos. O pai por trabalhar na informalidade, cabia a ele à responsabilidade de ir às reuniões de colégio das filhas, sabia quase que sempre onde as filhas estavam e quais as suas atividades seus relacionamentos com grupos de amigos.

As palavras mais proferidas pelo Sr. João durante a entrevista eram trabalho dignidade e segurança. Nesta família não foi apresentada problemas, adquiridos através de grupos socialmente tidos como perigosos.

Família do Sr. Anilton, teve dois filhos envolvidos com drogas, um deixou de ser usuário, e é membro de uma igreja evangélica. O que ainda é usuário iniciou reabilitação por várias vezes, e não deixou de ser usuário. O mais velho que deixou de ser usuário de crack diz constantemente aos pais, que a família é muito importante, e que foi devido a isto que ajudou na sua recuperação, e ganho de alto estima.

A Sra. Eliane também afirma que o que veio a trazer maior vitória foi sua fé em Deus, e o tratamento com os filhos na base da amizade dos seus dez filhos, e diálogo aberto sobre todos os assuntos de vida e socialização, principalmente sobre drogas.

Os pais têm contato aberto sobre todos os assuntos de vida e socialização, principalmente sobre drogas. O tratamento com os filhos é de amizade, e espera poder ajudar.

Na Família do Sr. Adailton, o diálogo era na base da cobrança por atividades doméstica não feita. A jovem de vinte e oito anos é mãe de uma criança com 10 anos, e esta jovem é viciada em crack e vive da prostituição, concluiu o fundamental não frequentou nenhum curso preparatório trabalhista. A segunda jovem desta família, também é viciada em crack, terminou o fundamental, não frequentou nenhum curso preparatório. O menino de nove anos está na quarta série do fundamental. O adolescente de dezesseis anos terminou o ensino médio, e esta cursando técnico em mecânica, não teve envolvimento com drogas.

### **Interpretação**

O processo de globalização da economia capitalista vem interferindo na dinâmica da estrutura familiar, e possibilitando alterações em seu padrão tradicional de organização. A estrutura familiar rural estava adaptada para que os pais estejam mais próximos dos filhos, contribuindo com uma maior afetividade familiar. O conceito utilizado de afetividade (Almeida, 2008) mostra que as famílias estruturadas com base neste fator permanecem mais centradas ao núcleo familiar.

No artigo Drogas: Famílias que protegem e que expõem adolescentes ao risco, publicado pelos autores Rogério L. H., Bernardo L.H. e Ricardo T.P. (UNISINOS)2006. “A família e a cultura transmitem sistemas de crenças e expectativas sobre os papéis

sociais, sobre o modo de vida de homens e mulheres, sobre as relações entre os seres humanos, e também sobre usos e costumes, como em relação às SPAs.”

Neste estudo verificou-se que a presença de pai, mãe ou ambos no domicílio parece ter efeito protetor contra o uso de tabaco e álcool. Os autores citam que, associados a esse desfecho, a presença de pais e ou responsáveis no cotidiano dos adolescentes é possível de que tenha o mesmo desfecho sobre o efeito de uso de psicoativos na vida dos adolescentes.

Nas cidades urbanas a família tende a ter certo distanciamento afetivo. O pai passa a trabalhar na maioria das vezes na formalidade, tendo pouco contato com os filhos, e na maioria das vezes a mãe na busca de complemento salarial também se ausenta. Isto é subentendida pelo adolescente como perda de afetividade familiar, ou como recebimento de emancipação muito precoce. Sendo o adolescente deste ponto da vida a ter determinações que são muito importantes para sua vida, e pode influir em boas e más escolhas, e implicações familiares para o resto de suas vidas.

A busca de uma nova identidade sem as devidas orientações familiares torna o adolescente rural, neste novo contexto urbano, um ser bastante vulnerável (Nery Filho, 2002).

A práxis, fundamentalmente transforma o meio natural em que vive o homem, cria distintas formas de instituição de vida, interagindo com as relações de comunicação, cooperação, e luta para melhores condições de sobrevivência coletiva. (Rocha, 2013).

A construção de políticas públicas para ter um fim desejado seria mais ampla, desde como manter o pequeno agricultor, com condições de manter-se em suas terras, e produzir na forma da produção agrícola familiar, com direitos previdenciários estendidos a todos os trabalhadores rurais, escolas para os filhos, em escolas técnicas a nível fundamental, com turno integral, próxima a produção agrícola. Políticas públicas fundamentais voltadas ao jovem rural, (acesso aos serviços básicos de saúde, apoio psicológico para adolescentes nas escolas), ter estes a vontade própria de mudar-se da cidade rural para urbana, e não por não ter escolhas, e mudar-se por sobrevivência.

Podemos refletir quais os principais fatores que determinam esta situação de crise. Certamente em primeiro lugar a ausência de políticas públicas. Mas não somente na cidade. Os problemas se iniciam na falta de políticas públicas no meio rural, onde estas famílias estavam arraigadas e foram expulsas pelas circunstâncias como acima citado e também falta de escolas técnicas agrícolas, a nível fundamental, com turno

integral para os filhos. Demandas levantadas por muitos moradores da Morada da Colina.

Dizem os entrevistados que faltaram políticas necessárias para competir com o grande produtor agrícola e poder viver da pequena produção agrícola familiar, por fim tiveram que vender suas terras e vir para a cidade grande em busca de melhores recursos de trabalho saúde e escolas para os filhos.

As análises de pesquisas têm mostrado que: famílias que mantiveram relações de amizade e controle de onde estão os seus filhos fora dos horários escolares, mantiveram contato e frequência em reuniões de pais e mestres nas escolas em que os filhos freqüentam. Investiram em curso e capacitação dos filhos, procuraram saber quem são os amigos dos filhos, tem conversa franca com os filhos sobre os perigos do consumo de psicoativos, conseguiram também apresentar melhores propostas de afetividade familiar. Nestas famílias, os casos de filhos que usam psicoativos foram muito menores do que nas famílias que não tiveram êxito nestes fatores.

As contribuições familiares em controle de horários escolares, reuniões familiares e de pais e mestre, investimento em solução de capacitação educacional, mesmo com maior ausência dos pais em período diurno, foram subtendidas para muitos filhos como laços de afetividade, contribuindo com a construção de uma nova identidade mais segura para os seus filhos, em momentos de transição de adolescente para a juventude, em uma fase em que muitos têm que optar pela emancipação precoce.

### **No que uma pesquisa sobre o tema, pode colaborar**

O fator preponderante para manter os filhos longe de grupos de risco, mesmo emancipando-se precocemente na busca de uma nova identidade, é reconhecer a importância de vínculos de afetividade familiares, momento em que muitos adolescentes acabam desamparados dos comandos e laços afetivos familiar. É importante que as pesquisas sociais apontem nesta direção.

O pouco tempo disponível dos pais para os filhos gera maior possibilidade de cobrança e repreensão pelos pais aos filhos, por atividades não cumpridas de deveres domésticos e escolares. Fica uma lacuna aberta pela falta de afetividade de contato familiar, e passa a ser um impasse nos relacionamentos familiares.

Os adolescentes buscam preencher esta lacuna, e ficam vulneráveis a grupos de riscos.

Uma política pública favorável, que esta pesquisa aponta, poderia promover a orientação de como os pais devem aprender a lidar com filhos, antevendo situações de uso e dependência de psicoativos, visto que alguns dos entrevistados adolescentes colocaram que os pais deixaram de saber o que faziam os filhos fora dos horários escolares, e faltou orientação para eles no momento de vulnerabilidade dos filhos.

Muitos destes familiares têm filhos e netos com menos de 10 anos.

A proposta seria no campo das instituições como, conselhos tutelares e clínicas que estão preparadas para atuarem na recuperação, através de abstinência. Cooperariam com psicólogos em prol de ajuda ao familiar, orientando o que se deve fazer para evitar novos usuários na família.

As políticas públicas de prevenção como: investimento em escolas públicas a nível técnico profissionalizante de ensino fundamental, com turno integral (preenchendo o tempo ocioso dos adolescentes e tendo maior capacitação), tanto na zona rural como nas cidades urbanizadas. Estariam diminuindo problemas sociais, problemas familiares, problemas de saúde pública, problemas de segurança e também contribuindo em um futuro promissor para os adolescentes, sem falar na alimentação que cada aluno deve receber, diminuindo a preocupação de gastos com alimentação de seus filhos, que muitas vezes não conseguem suprir.

O apontamento inicial de pais foi de perda de contato de pais e filhos, e emancipação precoce e sem orientação.

A maioria dos pais não sabia onde os filhos estavam fora dos horários escolares, não conheciam amigos dos filhos. Em entrevista, filhos mencionaram a perda de contato com os pais, e pouca orientação familiar sobre drogas.

Para os filhos as opções e escolhas não foram boas por falta de maiores opções de condução, de capacitação e afetividade familiar.

Nas entrevistas, pais não conheciam e não sabiam que seus filhos estavam tão próximos de traficantes de entorpecentes, e se pudessem estariam com suas famílias em suas terras cultivando, e a educando de seus filhos para assumirem seus lugares como produtores rurais.

A dificuldade familiar de manter o filho dentro de casa fora dos horários escolares é muito grande, visto que estes tendem muitas vezes trazer para casa algum dinheiro ou alimento para ajudar no sustento de irmãos mais novos, que depende dos irmãos mais velhos, mesmo que estes ainda sejam crianças.

O poder público tem deixado este espaço livre sem sua ação, e este preenchimento tem sido feito por grupos de pessoas que estão no “trabalho ilícito”, que de alguma forma geram recursos para sustentar muitas famílias.

Políticas públicas de prevenção em construção de mais creches, escolas técnicas de ensino fundamental, com turno integral seria relevante para as famílias que possuem filhos com idade escolar deste nível. Estariam ocupados em turno integral, resolvendo em parte o problema socioeconômico familiar. Teria refeições diárias, aprendizado técnico para um aproveitamento melhor de suas aptidões. O menor teria a seu dispor nas escolas, disciplina para condução do que é padrão aceitável pela sociedade brasileira, uma extensão de educação familiar, que mesmo que se ausentem durante o dia, para o menor não configurará emancipação precoce, visto que estariam sob a tutela de professores. Estes adolescentes teriam que dar conta do seu aprendizado aos pais.

Mesmo tão logo terão que trabalharem, para complementar a renda familiar, os adolescentes apresentariam condições de enfrentar um estágio remunerado, para auxiliar em seus próprios sustento.

Pesquisando o quanto custa para manter um adolescente em escola, em turno integral, através das políticas públicas de prevenção, e o quanto custa para o estado manter um jovem em políticas públicas de abstinência, tem valores econômicos consideráveis em favor de políticas públicas de prevenção.

No site [www.al.rs.gov.br](http://www.al.rs.gov.br) (Relatório Abril de 2014, Comissão Especial para Tratar das Escolas de Tempo Integral no RS) com o custo anual do aluno de R\$ 2.800,00, menos de R\$ 300,00 por mês, visto que estes dados são para o nível médio de ensino.

Para manter políticas públicas pautadas na abstinência, em sua tese, Jardel 2013, apresenta dados sobre o financiamento público de tratamento para dependentes, e o financiamento público de programas de ações de redução de danos do governo federal é de R\$ 1.000,00, por acolhimento de adultos, e de adolescente e crianças, mães em fase de amamentação é de R\$ 1,5 mil.

No Brasil a lei não mais permite o encarceramento do usuário de psicoativos ilícitos. Quando o mesmo usuário passa a praticar delitos e infringir as leis, praticando assaltos, roubos, tráfico de entorpecentes e latrocínio, pode ser enquadrado em artigos do código civil brasileiro e ter privação de sua liberdade.

Para manter um indivíduo encarcerado em prisões federais custa para o estado brasileiro cinco salários mínimos ao mês. No site o Último Segundo, ([www.ultimo](http://www.ultimo)

segundo. [ig.com.br/brasil/201](http://ig.com.br/brasil/201)). O governo federal gasta atualmente R\$ 4400,00 por cada preso nas quatro unidades geridas pela União em todo País. O valor é equivalente a quase cinco salários mínimos, atualmente de R\$ 880,00 (dados atualizados pelo salário mínimo nacional de 2016).

Há uma forte inclinação para as políticas públicas de prevenção, apontando apenas os gastos do Estado brasileiro, para manter um indivíduo infrator em penitenciárias federais. Neste caso a abstinência inclui também a repreensão policial, quando estes não observam as leis imposta pelo código civil ao transgredi-las.

A abstinência para o indivíduo usuário de psicoativos esta posta à lei, que tende a diminuir a oferta de produtos ilícitos, ligado ao aparato jurídico/policial e contenção em cárcere dos indivíduos, que buscam atividades ilícitas, como furto, roubo e latrocínio. Isto esta subentendido dentro da política de recuperação, visto que as penitenciárias são constituídas para resocializar o indivíduo, que não observa as leis do código civil de sua nação, e passa a ser imposto à coerção recuperatória deste indivíduo.

O papel do estado é dispor de psicólogos, condições clínicas de tratamento, e medicamentos, para reabilitação de um usuário de drogas. Todo um processo difícil para o usuário, dispendioso para o Estado, e pouco acontece.

Ao prevenir usando as mesmas estruturas organizadas e institucionalizadas, (escolas onde os filhos estão matriculados, educadores, conselho tutelares de micro regiões locais e seus conselheiros tutelares e psicólogos), o Estado passa a ter uma maior economia. Evita internações em clínicas de recuperação para usuários, e problemas sociais e de saúde, e evita restrição de liberdade de muitos indivíduos e diminui o problema de segurança pública.

## **Conclusão**

Muitas das famílias que tem filhos envolvidos com grupos de riscos, tem tido pouca ação diante destes contextos sociais. Evitam relacionar-se com seus filhos. Com pouco diálogo sobre a questão de drogas, algumas usam de métodos de isolamento, tais como uso de uma peça separada da casa, para o usuário dependente de psicoativos.

As perdas são: vínculo afetivo familiar, social, saúde e de vidas, devidos aos maiores envolvimento com as drogas.

O adolescente na busca de recursos para manter o vício está entre: vender objetos familiares, cometer pequenos furtos, entrar para o negócio de vendas de drogas, e ou até cometer latrocínio.

A insegurança não fica apenas no âmbito familiar, mas também em todos que estão diretamente ou indiretamente envolvidas com a possível perda de sociabilidade de um indivíduo.

A consequência é a falta de segurança. Tornam-se uma ameaça todos os moradores. As famílias diretamente envolvidas com estes problemas sociais buscam todos os meios cabíveis para solucionar e tirar o adolescente deste meio.

As políticas de segurança pública não têm atingido os níveis desejados pela população. As políticas apenas de repreensão ao consumo e ao tráfico de entorpecentes não tem dado conta de garantir a segurança pública. A construção de novos presídios têm sido metas não atingidas pelo alto preço financeiro e social. As políticas de abstinência através da diminuição da oferta neste modo não tem tido um bom resultado, visto que cada indivíduo tem muitas passagens por varias clinicas de recuperação, e com diferentes modelos terapêuticos, e sem recurso próprio usa outros meios como furto, roubo e latrocínio para manter o vício.

Políticas de prevenção são muito menos dispendiosas do que políticas de recuperação, tanto a nível econômico como social.

A maior preocupação de elucidação de pesquisa a partir de uma metodologia etnográfica foi analisar porque as famílias da Vila Morada da Colina têm muitos adolescentes usuários de drogas. Sendo um fator preponderante nesta área tender um número grande de famílias, com adolescentes oriundos do êxodo rural, usuários de drogas. Quais fatores familiares deixaram de existir e ampliaram a taxa de drogatição destes adolescentes na Morada da Colina.

A baixa renda familiar é um dos fatores que leva o adolescente a inclinação a venda e ao consumo de drogas, Sudbrack,M.(1996). O elevado consumo de drogas nos



grandes centros urbanos são fenômenos sociais estigmatizados como fenômenos de periferias destes grandes centros.

Uma maior atenção de instituições sociais familiares, religiosas e de ensino no intuito de prevenir o adolescente a ser drogado minimizaria o problema social em muitas cidades brasileira. A criação de políticas públicas em favor de prevenção, usando argumentos dos pais e filhos usuários, onde estariam abordando uma situação antevendo problemas sociais maiores pelo uso de psicoativos.

Marcel Mauss, maio 1925, quando cita fenômeno social, refere-se à totalidade do envolvimento real. Não são redutíveis em apenas uma única dimensão, mas as suas implicações e experiências dos atores são distribuídas em todos os níveis da realidade.

Após o conhecimento e análise das estruturas familiares, podemos melhor compreender as demandas de políticas públicas, que podem gerar ações de prevenção, antecedendo as ações baseadas na recuperação através do método terapêutico de abstinência.

Políticas públicas são aplicadas na prática de abstinência, tanto na repressão policial, diminuindo o acesso a psicoativos, como, em recuperação com métodos terapêuticos de abstinência, em instituições, clínicas de recuperações, entidade de ajudas mutua e baixas hospitalares.

Os resultados obtidos através destas ações de políticas públicas tem sido onerosos para os cofres públicos e ou para entidades de recuperação de ajuda mutua, quando não tem causado polêmica por ações de policia, despreparados na ação, e por vidas perdidas, frutos de ações incabíveis.

Para alcançar resultados desejados tem que haver um empenho esmerado, tanto do recuperando, de familiares e das instituições públicas e filantrópicas.

As políticas públicas de prevenção como investimento em escolas públicas, a nível técnico de ensino fundamental, com turno integral, tanto na zona rural como nas cidades urbanizadas, estariam diminuindo problemas sociais, problemas familiares, problemas de saúde pública, problemas de segurança e também contribuindo em um futuro promissor para os adolescentes.

A opção de escola técnica já no ensino fundamental, com turno integral, não somente no ensino médio, daria ao adolescente uma oportunidade melhor de profissionalizar-se, e ter maior segurança para construir suas novas identidades, diminuindo chance de aliciamento de grupos de risco.

Nesta faixa de idade é onde o adolescente é mais vulnerável ao aliciamento a grupos de risco.

Como aluno de ciências sociais e com minha convicção de cristão não ficaria sossegado, se não aproveitasse esta oportunidade para pesquisar nesta área, para ajudar algumas famílias, se for possível, na prevenção a novos usuários, e mostrar que as ações de políticas públicas de prevenção geram resultados que eliminam a geração de problemas familiares e até perda de vidas.

## Referências

- ALMEIDA, A.R.S. – A afetividade no desenvolvimento da criança Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (2): 343-357, jul./dez. 2008.
- BUCHER, R. Drogas: o que é preciso saber para prevenir. São Paulo, Fussesp, 1992.
- CALDEIRA, Zélia Freire. Drogas, indivíduo e família: um estudo de relações singulares. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1999. Disponível em <http://portaldeseres.cict.fiocruz.br>
- DELGADO, Gabriela Neves. A erradicação do trabalho de crianças e a proteção do trabalho de adolescentes no Direito do Trabalho Brasileiro. In: FAZZI, Rita de Cássia (Org.). Estatuto da criança e do adolescente: conquistas e desafios. 1. ed. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005, p.66-79.
- ECA Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Constituição Federal do Brasil (art. 227) Lei 8.069/90.
- [http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp\\_m505/ComEspEdu\\_integral\\_2013/Relatorio\\_impressao.pdf](http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ComEspEdu_integral_2013/Relatorio_impressao.pdf)
- [http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp\\_m505/ComEspEdu\\_integral\\_2013/Relatorio\\_impressao.pdf](http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ComEspEdu_integral_2013/Relatorio_impressao.pdf)
- <http://www.ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-08-01/preso-federal-custa-5-salarios-ao-mes-dobro-do-que-se-gasta-com-preso-estadual.html>
- LOECK, Jardel F. A Dependência Química e seus Cuidados. Tese Doutorado. Porto Alegre, PPGAS IFCH UFRGS 2013 (2014).
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: 1925. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-294.
- RASSIAL, Jean-Jacques. A Passagem Adolescente: da Família ao Laço Conjugal. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- SUDBRACK, M.F.O. Construindo Redes sociais Metodologia de prevenção à Drogatização e à Marginalização de Adolescentes de Família de Baixa Renda Em R. Marcedo (Org.), Família e comunidade – Coletâneas da ANPPEP (p. 87-13). São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e de Pesquisadores em Psicologia.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- VELHO, Gilberto. "Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia" (Editora FGV), 1998.

NASSIF, M. F. “Novos olhares, outras percepções”. Álcool e outras drogas: São Paulo | 2012 | 1ª Edição *Conselho Regional de Psicologia de São Paulo* São Paulo | 2012 | 1ª Edição

HORTA, R.L; HORTA, B. L. RICARDO,, T. P. “Drogas: famílias que protegem e que expõem adolescentes ao risco “ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)2006.